

A marcha da economia e o olhar do eleitorado

SUCESSOS E FRACASSOS ECONÔMICOS CAMINHAM LADO A LADO EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO

MARCO ANTONIO ROCHA

O reino da Dinamarca é onde morava o príncipe Hamlet, como Shakespeare nos deu notícia. Seu fantasma vai estar assistindo ao jogo de hoje. Esperemos que assombre os próprios conterrâneos, e não os nossos, pois os fantasmas nacionais, nada shakespearianos, já nos bastam.

Um dos mais renitentes arreganhou sua dentuça, mais uma vez, no noticiário de ontem: o desemprego, medido pelo IBGE, alcançou seu mais alto nível desde maio de 1984, 8,2%, no conjunto das capitais brasileiras em que é feita a pesquisa. O de São Paulo bateu nos 9,11%. O resultado foi divulgado exatamente no dia em que o presidente Fernando Henrique comemorava os quatro anos do Real e declarava que governa para os pobres.

Como o IBGE é um órgão do governo ninguém pode acusar o presidente de estar "manipulando a máquina", pois em tal caso não haveria coincidência tão desagradável. Mostra que a burocracia – ao menos a do IBGE – é isenta de influências eleitoreiras.

Gáudio para a oposição, uma vez que o desemprego em particular e a baixa atividade econômica no geral são o calcanhar-de-aquiles da tentativa de reeleição presidencial.

Aliás, se pensarmos duas vezes, a economia será sempre, em

qualquer país e para qualquer governo, um calcanhar-de-aquiles mais ou menos ameaçador, conforme as circunstâncias. Sua marcha nunca é unívoca, marcada somente por sucessos. Da mesma maneira que as moedas, a economia sempre tem duas faces, em qualquer momento: sucessos de um lado, fracassos e insuficiências de outro. As preferências ou a posição do observador, noutras palavras, seu subjetivismo, é que determinam se ela está indo mal ou bem. Como acontece com dois trens parados na estação: o passageiro de um deles pode pensar que está em movimento quando o outro inicia sua marcha.

Querem prova de que o olhar muda o cenário?

Enquanto o presidente FHC ressaltava em seu discurso os benefícios que a ação do governo tem trazido para a

agricultura, com juros menores e mais de R\$ 10 bilhões em créditos, Antônio Ernesto de Salvo, que preside a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), dizia em Brasília, quase na mesma hora, que "o Plano Real foi um desastre para o setor, pois o produtor teve uma redução de 30% em sua renda e não há nenhuma mágica que se possa fazer a esse respeito".

Como nós jornalistas e também os leitores de jornais não podemos sair palmilhando o Brasilzão interiorano com uma lanterna acesa em busca da ver-

dade, como fazia o filósofo grego, ficamos na prática com a própria opinião, nosso olhar. A minha, baseada nas evidências do mercado (sempre um termômetro), é que, se o Real tivesse sido um desastre para a produção agrícola, os preços dos alimentos que compro na feira ou no supermercado teriam estourado. Como isso não aconteceu, prefiro acreditar que o produtor rural continuou produzindo. E, se fez isso com tamanha perda de renda, tiro meu chapéu – é mesmo um missionário resignado ao papel patriótico de abastecer cidades e vilas deste imenso país.

Mas um outro fantasma, que, ao contrário de Hamlet, não estará sentado nas arquibancadas de Nantes hoje, e sim convivendo conosco por bom tempo ainda, recuou em seus arreganhos. Refiro-me ao déficit comercial externo que pela primeira vez em 25 meses parou de crescer em junho e até diminuiu um pouquinho, com o superávit de US\$ 12 milhões. Uma quirera, é verdade, mas melhor do que déficit. O governo aproveitou para anunciar que o déficit projetado para o ano deverá ficar em torno de US\$ 5 bilhões, bem melhor do que os quase US\$ 9 bilhões do ano passado. O que não impedi outros observadores de dizerem: 1) que a melhora das exportações está ocorrendo à custa da recessão interna; 2) que o segundo semestre pode agravar os déficits.

Como se vê, mais uma vez, a análise depende do olho de quem olha, assim como as previsões sobre se a economia está caminhando para o fundo ou para a borda do poço.

Sendo o eleitorado composto por milhões de pares de olhos, incrustados em milhões de cabeças, a sorte eleitoral dos governos depende de duas coisas: 1) do saldo do balanço entre os permanentes e simultâneos fracassos e sucessos da economia; 2) da quantidade de olhos que estejam postos numa ou noutra face da moeda. Se a diferença entre elas for mínima, ganha quem tiver maior capacidade oratória de persuasão e convencimento, como acontece nos EUA, por exemplo, onde o desempenho dos candidatos nas TVs é mais importante do que o desempenho da economia.

Aqui, tudo indica, ou pelo menos as pesquisas indicam, que o saldo entre o sucesso da estabilização e seus custos econômicos e sociais ainda é favorável ao governo na cabeça da maioria dos eleitores. O terceiro fantasma, o do déficit público interno, que sem dúvida terá aumento preocupante neste ano, não deverá atrair muito o olhar do eleitorado. Primeiro, porque o eleitor não lhe dá muita atenção; segundo, porque é um fantasma de efeito retardado, sua ação deletaria no bolso do povo aparece em pequenas doses e prazos longos. Mostrará seus esgares, de fato, no próximo período de governo. Até lá, as urnas terão falado.

■ Marco Antonio Rocha é jornalista e sócio da XYZ Comunicação
e-mail: marocha@tecepe.com.br